

ESCOMBROS DE TODOS NÓS

Dilson Midlej

De um texto crítico, ensaístico ou qualquer que seja sua natureza, espera-se clareza e informação. E, se focar arte, essa exigência aumenta substancialmente, sobretudo porque em geral nele se busca o entendimento dos sentidos de muitas criações artísticas. E de artistas contemporâneos? o que esperar? Seguramente clareza não seria a resposta correta, ainda que isso logo nos venha à mente. A resposta a essa questão, ou melhor, uma resposta das muitas possíveis, foi dada por Ana Fraga, artista nascida e residente na ensolarada São Félix, no Recôncavo da Bahia, em individual apresentada na Galeria Cañizares, em Salvador, de primeiro a 15 de novembro de 2013, intitulada *Escombros*.

Performer de trajetória coerente e sólida, Ana Fraga destacou-se com várias premiações em certames competitivos estaduais, sempre apresentando obras que aliavam a performance às tradições culturais de sua região de nascença e a sua condição e sensibilidade femininas.

O título *Escombros* escolhido pela artista não poderia ser mais adequado, pois o conjunto de obras fala da degradação sensível do ser, das tensões entre sua existência e inadequações aos papéis sociais infligidos pela sociedade e pelos poderes constituídos, cujas manifestações são investidas de legalidade no papel, mas nocivas na prática e na ética, tais como a conveniente manipulação política de uma alegada “alegria baiana”, ou de um selo de “baianidade”, do qual a pasteurização e generalização do carnaval como imposição de comportamentos seria a mola mestra. Assim, a alusão à maior festa popular da capital baiana serviria como pretexto para encobrir as mazelas de décadas de ausência dos poderes públicos e manipulação de dados estatísticos dos índices de violência que tão mal soam às propagandas eleitoreiras e às estratégias de atração de turistas, e que, enfim, comprometeriam a confiante “economia estável”. Poderia esse desencantado cenário político-existencial ser apresentado na forma de arte e, ainda assim, despertar interesse ou mesmo fazer algum sentido? Ana Fraga responde, e a resposta – comentada e constituída visual e conceitualmente em suas obras –, é tão desconcertante quanto os recorrentes escândalos políticos nacionais.

Na performance *Escombros*, apresentada pela artista, registrada em vídeo e exibindo os resquícios da ação no ambiente da galeria, a realidade foi antropofágica e literalmente engolida, e a síntese desse bolo alimentar era... confetes. Sim, confetes. A artista “engole” confetes e os regurgita em incômoda cena cujo vômito refluga junto a nossa indignidade. Os confetes são confeccionados com páginas do diário da artista, ali mesmo, no espaço da galeria, diante do público. A intimidade dos registros e comentários cotidianos do diário, convenhamos, a princípio só interessariam à própria artista, da mesma maneira como em geral não nos interessamos pelas outras pessoas, uma vez que nosso individualismo nos basta. Pior ainda se o diário contemplar poesia. Mas eis que, pela formulação artística, estranhamente essa nova



Ana Fraga, *Escombros*, performance
Foto Eduardo Oliveira

natureza nos atrai, exige nossa atenção e passa a nos interessar, pois se evidencia uma situação óbvia que até então ignorávamos: o diário não seria *apenas* dela. Seria de todos nós. Por conseguinte, a ação contínua do *engolir* e do *vomit*ar e o engasgo de confetes também é de todos nós, homens ou mulheres, brancos, índios ou pretos, baianos ou cariocas, ostentando ou não abadás.

Assim, aprendemos (e a arte é incomodamente uma professora exemplar) que a artista não trata de questões pessoais e sim de anseios existenciais comuns ao ser humano, de questionamentos a imposições de condutas sociais, de tristezas

inconfessas e cicatrizes profundas que não aparecem na mídia e que os pobres brancos, índios ou pretos (com ou sem abadás) se apressam em deixar trancafiados em seus guarda-roupas adquiridos a prazo quando vão brincar o carnaval. O hedonismo do carnaval em Ana Fraga é interpretado pelo viés do mal-estar, do corpo que faz pular para fora um multicolor vômito de minúsculos confetes feitos a partir das folhas de seu diário, reestruturado em nova e fragmentada existência que dá voz, ou melhor, dá visibilidade às angústias existenciais. Uma poética do desassossego em que não se vê o rumo da bala, mas se sabe a quem ela se destina e onde certamente atinge.



Ana Fraga, *Escombros nós itinerante*, performance
Foto Marcio Santana e Darlan Dhouro

A natureza das angústias dos outros já sabemos e, como se exercita diariamente, não nos interessa, pois, reiteramos, prezamos nosso individualismo e a ele somos evangelicamente fiéis: o individualismo é fiel.

Nessa mostra que teve a curadoria da experiente artista e professora Sônia Rangel, Ana Fraga alinhavou o universo temático de suas performances e acomodou seus (e nossos) escombros a partir de três núcleos: *o diário*, *a linha* e *a tesoura*.

Advém das tradições culturais de sua região de nascença e de sua condição feminina não apenas a escolha dos materiais — cuja síntese, por meio de ações performáticas, ressignificam os sentidos dos usos de *diário*, *da linha* e *da tesoura* em bordados e costuras —, como evidencia o contraste dessa memória afetiva com os escombros cotidianos e contemporâneos. Assim, a sensibilidade migra dos registros de *diários* íntimos e se veste de forçada “alegria” aludida pelos confetes engolidos e regurgitados, subvertendo o sentido

do uso festivo daquele material e que constituiu tanto a performance *Escombros* mencionada, quanto a obra *Escombros série I*. Esta última concentra confetes hermeticamente lacrados em caixas de vidro de variadas dimensões e dispostas no chão, enquanto na parede três martelos pendurados indicam a ação e o esforço necessários para se experimentar a alegria aludida pelos confetes ao custo do uso da força pelo golpear do martelo e do risco do corte pelos cacos dos vidros fragmentados. Uma explosão de suposta alegria se anuncia ao custo de um risco real de esforço e dor.

Já a *linha* vai gerar ações registradas em fotografias que compõem as obras *Escombros nós itinerante* e que consistem na confecção de mais de dois milhões de nós feitos manualmente pela artista de janeiro de 2012 a fevereiro de 2014, ora com a artista e seu rolo de turbante a bordo de uma canoa à deriva, a qual desliza indecisa pelas águas do Paraguaçu — rio que banha a cidade natal da artista — ao sabor da correnteza, ora sentada no

minadouro d'água da nascente daquele rio, na região de Barra da Estiva. Os nós dessas ações são finalmente depositados na sala da galeria, espécie de escultura/registo da tradição e do sofrimento cotidiano "amarrados" e ensimesmados que, tal como os confetes, têm seu significado subvertido uma vez que o bordado gerado resulta em um monte de nós sem utilidade prática, mas impregnado pela via artística de peso existencial e de sentidos.

E por fim, a *tesoura*, instrumento do cortar tecidos e do costurar, é utilizada pela artista para "extrair" flores de uma camada de tecido estampado que cuidadosamente reveste seu colo na performance *Escombros II*. A ação se dá mediante interrupção parcial de um corredor de pedestres da ponte D. Pedro II, centenária estrutura de ferro que se estende sobre o rio Paraguaçu unindo São Félix à cidade histórica de Cachoeira. A intimidade às avessas do ato da costura da artista sentada em um pequeno

banco em espaço público é contaminada pelo frequente passar da população que, curiosa, ou ignora a ambiência intimista da ação ou responde de alguma maneira, como ilustra o fato de algumas pessoas apanharem as "flores" caídas no chão. Os buracos abertos no tecido anunciam a operação cirúrgica e esvaziam a padronagem decorativa, adicionando eloquentes e incômodos espaços vazios, destacados ainda mais pelo contraste com o negro da roupa da artista e o significativo rolar ao chão das "flores". Espécie de colheita cirúrgica de espaços vazios, a ação discorre sobre inversões de valores, escombros da perda de poesia e de sentidos. Enfim, ao mesmo tempo silenciosa e alarmadamente, as flores perdem seus significados.

O público sanfelista ou cachoeirano não é totalmente alheio às manifestações performáticas, uma vez que a cada dois anos acontece a Bienal do Recôncavo em São Félix e performances são regular e publicamente apresentadas desde sua

Ana Fraga, *Escombros nós itinerante*, performance
Foto Otaviano Filho





Ana Fraga, *Escombros II*, performance
Foto Tatiele Souza

primeira edição. Isso naturalmente não garante o entendimento das propostas artísticas. Todavia, arrisco afirmar que a familiaridade do sanfelista em relação aos objetos cotidianos utilizados por Ana Fraga e seus consequentes usos subvertidos pode favorecer um viés de possibilidades de leituras e mesmo a participação, involuntária (assistindo à ação ou esgueirando-se para passar pelo corredor de pedestres da ponte obstruída pela artista) ou participativa (colhendo “flores” recortadas no chão); ao mesmo tempo em que cria conformidades, extensões e desdobramentos do trabalho performático, também indica a vitalidade dessa forma de expressão e reforça que é com a participação do outro que se completa e atinge sua significação plena, sem necessariamente passar por uma formulação racional de juízo de valor. A significação é construída sensivelmente por todos, artista estimulador e público receptor (partícipe involuntário ou cooptado), em fragmentos, paulatinamente, a cada nó, a cada flor extirpada

e caída, a cada punhado de confetes engolido, a cada respiração, e o decorrer do tempo de realização das ações, em conjunto com a participação do público, propõe uma troca de experiências em que a clareza da proposta ou seu significado não são necessariamente percebidos de maneira fácil ou assumem maior relevância. Assim, no que toca à clareza aludida no início deste texto, você, leitor, pode agora se perguntar: mas de que mesmo trata este texto que leio? E antes que impropérios firam o ar, apresso-me em responder: este texto trata de Ana Fraga, uma artista que felizmente está atenta aos escombros de todos nós.

Dilson Midlej é professor-assistente de história da arte do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, em Cachoeira, BA e doutorando do PPGAV-EBA UFBA. É pesquisador associado da Anpap, mestre em artes visuais (2008), especializado em crítica de arte (1984) e graduado em artes plásticas (1982), os três títulos fornecidos pela UFBA.